

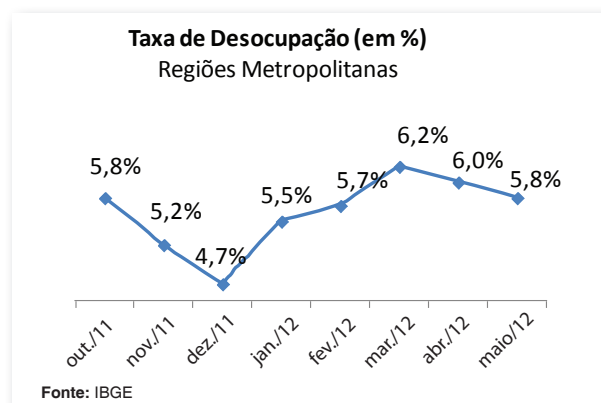
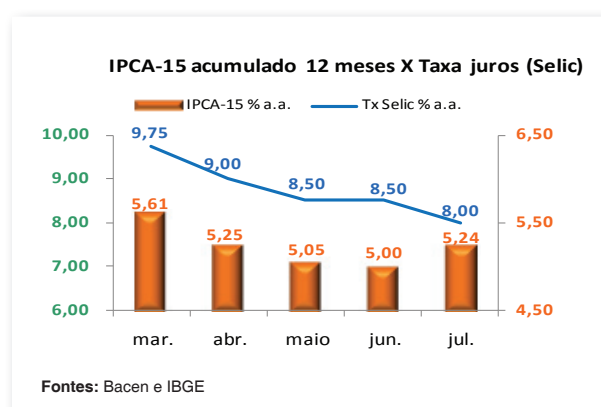
## Expectativas do Mercado

A economia mundial continua dando sinais de fraqueza. Os Estados Unidos registraram expansão de 1,5% no segundo trimestre do ano (comparado com o mesmo período de 2011), nível inferior aos 2% registrados no primeiro trimestre. Essa desaceleração está associada a níveis mais modestos no consumo das famílias, gastos do governo e investimentos privados. Como consequência, o ritmo de contratações, apesar de positivo, também vem dando sinais de enfraquecimento. A taxa de desemprego manteve-se, em junho, em 8,2% da população adulta.

Na China, o governo central anunciou um crescimento de 7,6% do Produto Interno Bruto (PIB) no segundo trimestre (na comparação com igual período do ano passado), contra 8,1% no primeiro trimestre. Trata-se da taxa mais baixa de expansão desde 2009 e está associada ao enfraquecimento das exportações chinesas.

De acordo com o FMI, a Zona do Euro, foco da crise atual, deve registrar em 2012 retração de 0,2% no seu nível de atividade. Em junho, a taxa de desemprego na região manteve-se em 11,2%, nível mais alto dos últimos oito anos.

No Brasil, a inflação medida pelo IPCA-15 registrou crescimento em julho, com a taxa acumulada de 12 meses subindo para 5,24% ao ano. A taxa de juros SELIC foi reduzida para 8% a.a., nível mais baixo desde 1999. A taxa de desocupação nas principais regiões metropolitanas do País caiu para 5,8% em maio, abaixo dos 6,4% registrados em maio de 2011.



Em sintonia com a desaceleração mundial, a mediana das expectativas de mercado com relação à variação do PIB brasileiro foi ajustada para 1,90% em 2012. A expectativa do mercado para a inflação, medida pelo IPCA, indica uma tendência de fechamento da inflação do ano próxima de 5% a.a., expansão em 2013 e nova queda nos anos seguintes. Por sua vez, a expectativa para a taxa básica de juros (Selic) apresenta uma tendência à queda em 2012, até 7,5% a.a., elevação em 2013 e 2014, estabilidade em 2015 e nova queda em 2016.

### Quadro – Expectativas do Mercado

	Unidade de Medida	2012	2013	2014	2015	2016
PIB	% a.a. no ano	1,90	4,05	4,00	4,00	4,00
IPCA	% a.a. no ano	4,98	5,50	5,10	5,00	4,80
Taxa SELIC	% a.a. em dez.	7,50	8,50	9,00	9,00	8,50
Taxa de Câmbio	R\$/US\$ em dez.	1,96	1,95	1,91	1,95	2,00

Fonte: Banco Central, Boletim Focus, consulta em 30/07/2012

Esta publicação integra o rol de trabalhos elaborados pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas (NEP) da Unidade de Gestão Estratégica (UGE) do Sebrae NA e tem por objetivo contribuir com o planejamento e ações estratégicas do Sistema Sebrae. Fontes utilizadas: Departamento de Comércio (USA), FMI, Eurostat, IBGE e BACEN. Neste número, inicialmente, é apresentado o desempenho recente da economia brasileira e as expectativas do mercado para os próximos anos. Na sequência, é exposta uma análise do desempenho recente de setores onde é forte a presença de Micro e Pequenas Empresas (Comércio Varejista, Têxtil e Vestuário, Calçados, Móveis e Turismo). Em seguida, o artigo Características dos Produtores Rurais Brasileiros traz uma análise mais detalhada desse público, com base nos dados do Censo Agropecuario de 2006, realizado pelo IBGE. Finalmente, na última seção, são apresentadas as estatísticas mais recentes disponíveis sobre as MPE na economia brasileira.

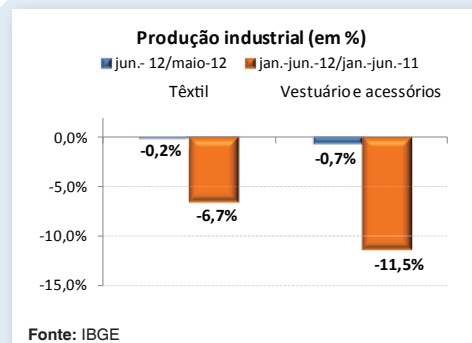
# Notícias Setoriais

## COMÉRCIO VAREJISTA

O volume de vendas do comércio varejista retraiu-se 0,8% em maio ante o mês anterior, com ajuste sazonal, revertendo o sinal positivo dos dois meses anteriores. Já a receita nominal ficou estável no mesmo período comparativo, conforme dados divulgados pelo IBGE. Puxaram para baixo o índice do volume de vendas de três das oito atividades do Varejo: Outros artigos e uso pessoal e doméstico (-0,2%); Combustíveis e lubrificantes (-0,8%) e Móveis e eletrodomésticos (-3,1%), enquanto "Equipamentos para material de escritório e informática" registraram o maior aumento (+3,5%). Apesar da retração, a expectativa continua sendo de crescimento das vendas do varejo este ano, em função da continuidade de aumento real da massa salarial (emprego e renda).

Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio – IBGE

## TÊXTIL E VESTUÁRIO



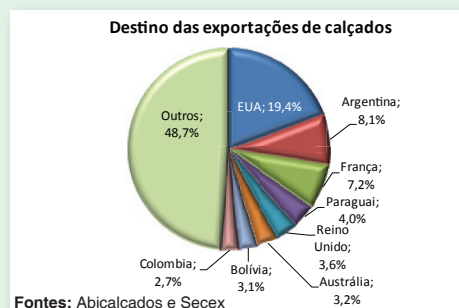
Segundo o IBGE, a produção física da indústria Têxtil recuou 0,2% em junho sobre o mês anterior (com ajuste sazonal) e acumula queda de 6,7% no ano, frente igual período de 2011. Já a retração na produção de Vestuário e acessórios foi menor, de 0,7%, no comparativo de junho com maio, acumulando queda de 11,45% no ano. Não obstante essas reduções, as produções desses setores sinalizam processo de recuperação, pois, no acumulado do ano, as retrações têm sido menos intensas. As medidas contidas no Plano Brasil Maior, somadas à queda das taxas de juros e ao câmbio desvalorizado, tendem a aumentar a competitividade da indústria nacional, reduzindo a concorrência com os produtos importados.

Fonte: IBGE

## CALÇADOS

A produção brasileira de calçados registrou queda de 15,5% em junho sobre maio (sem ajuste sazonal). No entanto, a retração no acumulado do ano é menor (de 5,1%) em relação ao mesmo período de 2011. As exportações, por sua vez, também registraram diminuição, de 19,8% (em US\$), e de 2,8%, na quantidade de pares, no comparativo dos acumulados dos anos (2012 e 2011) até junho. A Itália caiu da 3ª posição para a 12ª no ranking dos países de destino. Já as importações acumularam alta de 16,1% (em US\$). Apesar disso, a balança comercial acumulou superávit de US\$ 279,3 milhões. As medidas anunciadas pelo governo e o câmbio desvalorizado tendem a beneficiar as empresas brasileiras no segundo semestre deste ano.

Fontes: IBGE e Abicalçados

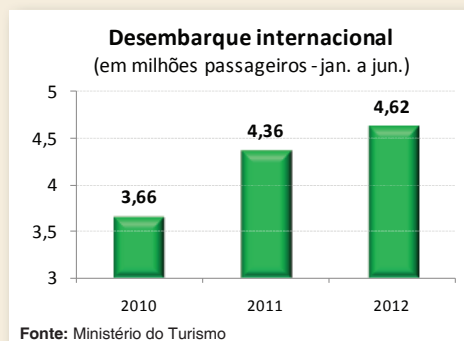


## MÓVEIS

Segundo a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, a produção do setor mobiliário registrou queda de 0,9% em junho sobre maio (com ajuste sazonal), mas acumula alta de 2,2% no ano em relação a igual período de 2011. A balança comercial, por sua vez, computou superávit de US\$ 1,04 milhão no acumulado de janeiro a junho deste ano. As perspectivas para as empresas do setor continuam positivas tendo em vista a inclusão do setor no Plano Brasil Maior, que passará a pagar imposto de apenas 1% sobre o faturamento em vez de recolher a contribuição patronal do INSS, de 20% sobre a folha de pagamento. Com isso, espera-se recuperação da produção a partir do segundo semestre deste ano.

Fontes: IBGE e MDIC

## TURISMO



O turismo no Brasil gerou receita de US\$ 3,47 bilhões no primeiro semestre de 2012, registrando crescimento de 6,04% sobre igual período de 2011. O desembarque de passageiros de voos internacionais (regulares e não regulares) totalizou 4,6 milhões nos primeiros seis meses de 2012, superando em 6,1% o registrado no ano anterior. O Plano Nacional de Turismo prevê aumento de 47,5% na receita gerada pelo turismo internacional até 2015, no Brasil, passando de US\$ 6,78 bilhões (2011) para US\$ 10 bilhões, o que representaria expansão anual de 10,2%. Mas essa previsão pode não se confirmar, em função da crise que assola países europeus, não obstante os importantes eventos programados para os próximos anos, como a Copa das Confederações (2013) e a Copa do Mundo (2014).

# Artigo do Mês

Márcio Augusto Scherma<sup>1</sup>

## Características dos produtores rurais brasileiros

Os clientes do Sebrae não se encontram apenas no meio urbano, mas também no meio rural. Para o Sebrae, são considerados produtores rurais as pessoas físicas que explorem atividades agrícolas e/ou pecuárias, nas quais não sejam alteradas a composição e as características do produto *in natura*, faturem até R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais) por ano e possuam inscrição estadual de produtor, DAP, ou CNPJ. Soma-se a esse grupo o dos pescadores com Registro Geral da Pesca.

Em parte devido à localização e ao tipo de negócio, o segmento apresenta maiores especificidades frente aos negócios urbanos. A extensão do País, os diferentes biomas e as conhecidas disparidades regionais conferem a esse público uma heterogeneidade ainda maior do que se pode perceber no meio urbano.

Como forma de conhecer melhor esse público, o Sebrae elaborou um estudo específico a partir dos dados do Censo Agropecuário de 2006, realizado pelo IBGE. Alguns dos resultados certamente chamam a atenção. Primeiramente, vale dizer que 90% das propriedades existentes possuem área inferior à 100 ha, indicando o predomínio das pequenas propriedades no Brasil. Quanto à distribuição geográfica, constatou-se uma predominância da região Nordeste (46%), seguida pela região Sul (20%). O Centro-Oeste é a região com menor número absoluto de propriedades (cerca de 6%), devido especialmente à maior concentração de grandes propriedades nessa região (31% com mais de 100 ha).

Somando-se o número de pescadores, o Nordeste continua sendo a região com maior número de produtores rurais (é também a com maior número de pescadores – 43,7%), ainda seguida pela região Sul (embora a região Norte seja a segunda com maior número absoluto de pescadores – 38,8% do total). Sobre as atividades mais frequentes nas propriedades rurais, a lavoura temporária tem maioria absoluta (51%), seguida pela pecuária com 21%.

Outro ponto que chama sobremaneira a atenção diz respeito à escolaridade dos produtores rurais. A maioria absoluta deles tem escolaridade concentrada em “Ensino Fundamental Incompleto” (81,4%). Pouco mais de 10% deles têm Ensino Médio completo ou mais, sendo um público bastante menos escolarizado do que os empreendedores urbanos. Quanto à faixa etária, o grupo, em geral, é de mais idade do que as empresas urbanas – 61,2% desses empreendedores têm mais de 45 anos.

Explicitando essas particularidades, passa a ser cada vez mais clara a necessidade não apenas de desenvolver estratégias específicas para o atendimento a esse público, mas também salta aos olhos a necessidade de desenvolver produtos que levem em conta as singularidades dos produtores rurais.

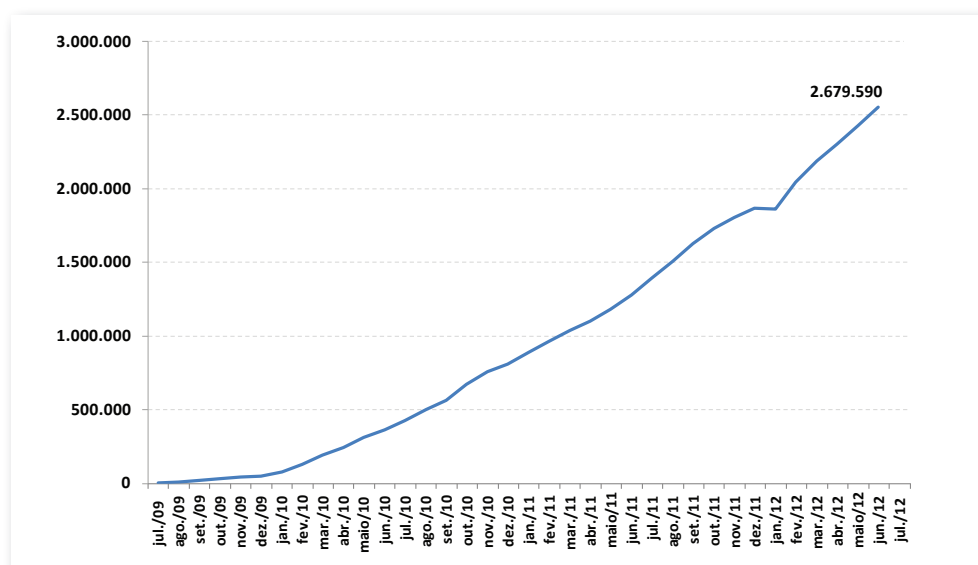
O fato de que mais de 60% deles têm mais de 45 anos e que mais de 80% não chegaram a concluir o ensino fundamental não pode ser deixado de lado quando da elaboração de cursos e capacitações para os produtores rurais. É impossível atender de modo eficaz a maior parcela desse público se for utilizada a mesma sistemática para as empresas urbanas.

É assim possível, de posse dessas e de outras informações, aprimorar cada vez mais o atendimento a essa parcela extremamente relevante de clientes do Sebrae que, justamente por suas características, costuma apresentar maiores necessidades de capacitação do que as empresas do meio urbano.

<sup>1</sup> Analista da UGE do Sebrae NA, cientista político e mestre em Relações Internacionais pela UNICAMP

# Estatísticas sobre as MPE

Número acumulado de EI formalizados até 31/jul./2012



## Dados básicos sobre Micro e Pequenas Empresas (MPE) no Brasil

Participação das MPE na economia (em %)	Ano do dado	Brasil	Fonte
No PIB (%)	1985	20%	SEBRAE NA
No faturamento das empresas (%)	1994	28%	SEBRAE NA
No número de empresas exportadoras (%)	2010	61%	FUNCEX
No valor das exportações brasileiras(%)	2010	1%	FUNCEX
Na massa de salários das empresas (%)	2010	40%	RAIS
No total de empregados com carteira das empresas (%)	2010	52%	RAIS
No total de pessoas ocupadas em atividades privadas (%) <sup>1</sup>	1999	67%	SEBRAE SP
No total de empresas privadas existentes no País (%)	2010	99%	RAIS

Nota: (1) Pessoas Ocupadas = (Empregador+Conta-Própria+Empregado c/carteira+Empregado s/carteira), apenas para o estado de São Paulo

Informações sobre MPE	Ano do dado	Brasil	Fonte
<b>Quantitativo de MPE</b>			
Número de Micro e Pequenas Empresas registradas na RAIS	2010	6.120.927	RAIS
Número de Optantes do Simples Nacional (em 31/07/2012)	2012	6.702.348	SRF
Número de Empreendedores Individuais (em 31/07/2012)	2012	2.679.590	MDIC
Número de Estabelecimentos Agropecuários (MPE)	2006	4.367.902	IBGE
<b>Mercado de Trabalho</b>			
Número de empregadores no Brasil	2009	3.991.512	IBGE
Número de conta-própria no Brasil	2009	18.978.498	IBGE
Número de empregados c/carteira assinada em MPE	2010	14.710.631	RAIS
Rendimento médio mensal dos empregadores no Brasil (em SM)	2009	6,7 SM	IBGE
Rendimento médio mensal dos conta-própria no Brasil (em SM)	2009	1,8 SM	IBGE
Rendimento médio mensal dos empregados c/carteira no Brasil (em SM)	2009	2,1 SM	IBGE
Rendimento médio mensal dos empregados c/carteira nas MPE (em R\$)	2010	R\$ 1.099	RAIS
Massa de salários paga por MPE (em R\$ bilhões)	2010	R\$ 16,1	RAIS
<b>Comércio Exterior</b>			
Número de MPEs exportadoras	2010	11.858	FUNCEX
Valor total das exportações de MPEs (US\$ bilhões FOB)	2010	US\$ 2,0 bi	FUNCEX
Valor médio exportado por MPE (US\$ mil FOB)	2010	US\$ 170,9 mil	FUNCEX

Fonte: Elaboração UGE/Sebrae NA (atualizado em 01/08/2012)